

Acções de Formação c/despacho > Imprimir (id #96477)

Ficha da Acção

Designação Filosofia e cinema: enquadramento didático

Região de Educação **Área de Formação** A B C D

Classificação Formação Contínua **Modalidade** Curso de Formação

Duração

Nº Total de horas 12 Nº de Créditos 0.5

Cód. Área C05 **Descrição** Didácticas Específicas (domínio científico específico),

Cód. Dest. 24 **Descrição** Professores do Grupo 410 do Ensino Secundário

Dest. 50% 24 **Descrição** Professores do Grupo 410 do Ensino Secundário

Reg. de acreditação (ant.)

Formadores

Formadores com certificado de registo

B.I. 10278127 **Nome** FERNANDO NUNO FADIGAS DA PALMA **Reg. Acr.** CCPFC/RFO-18377/04

Componentes do programa Nº de horas 0

Formadores sem certificado de registo

Anexo A

A preencher nas modalidades de Curso, Módulo, DSES e Seminário

Razões justificativas da acção e a sua inserção no plano de actividades da entidade proponente

Os manuais de filosofia que actualmente circulam no ensino secundário fazem, não raras vezes, menção a determinados filmes que, segundo os autores daqueles, são exemplificativos dos conteúdos em análise. Apesar disso, estas referências surgem quase sempre, num contexto de meras de actividades de consolidação – o que demonstra o carácter secundário com que figuram no âmbito da reflexão pedagógica sobre o ensino da filosofia – e muitas vezes desacompanhadas de qualquer sugestão de explanação didáctica das mesmas. A acção de formação Cinema e Filosofia: enquadramento didático pretende não só levar os formandos a reflectirem filosoficamente sobre o diagnóstico apresentado, mas também a reconhecerem o enquadramento específico do uso didáctico do cinema nas aulas de filosofia. Releva ainda desta reflexão a elaboração – e implementação, em contexto de aula –, pelos formandos, de recursos educativos que se coadunem com o carácter singular do ensino-aprendizagem da disciplina de filosofia.

Neste sentido, e tentando ir precisamente ao encontro dos interesses profissionais do público-alvo deste curso, não será inocente o conjunto de propostas de filmes a partir do qual, e para efeitos de avaliação dos formandos, se solicitará a criação de um dispositivo didático que estabeleça a relação entre um tema filosófico (que integre os programas dos 10º e 11º anos de filosofia do ensino secundário) e um filme (por formando) previamente proposto pelo formador (ou a propor pelo próprio formando).

Por meio desta acção de formação, a Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática pretende: (1) estreitar os seus laços com os docentes formados em Filosofia, ou futuros professores, mostrando-se atento às suas necessidades profissionais; (2) promover a criatividade de abordagens das temáticas a analisar; (3) proporcionar um espaço de interacção, rico em partilha de informações actualizadas, experiências e opiniões relativas às grandes questões do nosso tempo; (4) contribuir para uma consciência informada e crítica nos formandos.

Objectivos a atingir

1. Fundamentar filosoficamente o uso do cinema nas aulas de filosofia;
2. Refletir criticamente, partindo de uma ancoragem filosófica, sobre os dispositivos didácticos habitualmente conexos ao visionamento de um filme (p.e., o guião de um filme);
3. Construir diferentes dispositivos didácticos que se liguem ao visionamento de um filme e que se revelem simultaneamente adequados à especificidade da disciplina de filosofia;
4. Apropriação de saberes e identificação de linhas emergentes de formação no âmbito da didáctica da filosofia.

Conteúdos da acção

Sessão I (4 horas)

1. Afinidades entre a filosofia e o cinema: conceitos, imagens-movimento e imagens-tempo.
2. O cinema visto pela filosofia (Gilles Deleuze, Jacques Rancière, Thomas E. Wartenberg) e a filosofia vista pelo cinema (Derek Jarman, Liliana Cavani, Roberto Rossellini).
3. As várias formas de "filmar" a filosofia.
4. O problema do estatuto filosófico do cinema: podem alguns filmes filosofar? Respostas a este problema.
5. Algumas técnicas filosóficas (ou procedimentos próprios da filosofia) utilizadas pelos filmes para fazer filosofia (para além da sua reconhecida habilidade em ilustrar teorias ou teses filosóficas).
6. Em torno da problemática dicotomia filmes criadores de filosofia/filmes ilustradores de filosofia: que tipos de relação mantém a ilustração com o texto?

7. Objecções à ideia de que o cinema pode fazer filosofia: a objecção da explicitação, da universalidade e da imposição e respectivos contra-argumentos.

Sessão II (4 horas)

8. Aplicação didáctica do cinema nas aulas de filosofia. O problema da interpretação no domínio das artes (Sontag, Nietzsche, Eco): sobre o (não) uso generalizado de guiões de filmes.
9. Outras atividades que podem ser efectuadas na disciplina de filosofia a partir do visionamento de um filme.
10. Critérios a considerar na escolha de um filme.
11. Inventário dos vários filmes sugeridos pelos manuais escolares de filosofia que atendem ao atual programa da disciplina de filosofia (10º e 11º anos) e das respetivas atividades propostas.
12. A questão da interdisciplinaridade: o desafio de cruzar a disciplina de filosofia, e o seu ensino mediante o recurso ao cinema, com outras disciplinas do ensino secundário, designadamente de índole artístico, e seus procedimentos didáticos.

Sessão III

13. Tema/Problema – Pode o lugar (omnipresente) das imagens no mundo contemporâneo conduzir à revalorização da palavra? Pode, ao contrário do que indica o senso comum, uma palavra valer mais do que mil imagens? Pode o cinema, que é uma arte mista, equilibrar a relação afectiva entre a palavra e a imagem?(George Steiner, Robert Bresson)
14. “Cinema e Filosofia: enquadramento didático” e “A Dimensão Estética” (parte integrante do programa de filosofia do 10º ano do ensino secundário): o cinema e a experiência estética, o cinema e o juízo estético, o cinema na era das indústrias culturais.
15. Avaliação.

Metodologias de realização da acção

Cada sessão temática foi pensada para ser teórico-prática, e estruturada do seguinte modo:

- 1º momento (teórico) – introdução expositiva ao tema em debate, com recurso a material diverso (bibliográfico, suporte vídeo, etc.);
- 2º momento (prático) – ainda que as estratégias a utilizar especificamente em cada sessão estejam dependentes do tema abordado, todos os formandos serão chamados a participar activamente na construção do seu próprio saber, através da realização de trabalho individual e em grupo.

Regime de avaliação dos formandos

Itens sobre os quais deve incidir a Avaliação

A Comissão Pedagógica do Centro de Formação da APEFPA Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática, tendo em consideração a aplicação do número 3 do artigo 13º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, de acordo o nº 2 do artigo 46º do ECD, aprovado pelo Decreto-lei nº 41/2012, de 21 de fevereiro e as Cartas Circular CCPFC3/2007e CCPFC1/2008, aplica as classificações quantitativa e qualitativa, às ações de formação do seu Plano de Formação, nos seguintes moldes:

- a todos os formandos das ações de formação contínua será atribuída uma classificação quantitativa na escala de 1 (um) a 10 (dez) valores, arredondada às décimas;
- o referencial da escala de avaliação é o previsto no nº 2, do artigo 46º do ECD, aprovado pelo DecretoLei nº 41/2012, de 21 de fevereiro:
 - de 9,0 a 10,0 valores — Excelente
 - de 8,0 a 8,9 valores — Muito Bom
 - de 6,5 a 7,9 valores — Bom
 - de 5,0 a 6,4 valores — Regular
 - de 1,0 a 4,9 valores — Insuficiente

sendo atribuída com base na avaliação contínua e tendo em conta os seguintes parâmetros:

- . Participação individual/Grupo; empenho e assertividade nas tarefas propôs 25%
- . Produção de um trabalho constituído pelos materiais e projetos desenvolvidos – 60%;
- Reflexão crítica - 15%.

Forma de avaliação da acção

1. Pelos formandos:

Resposta a um inquérito elaborado para o efeito, centrado em:

- Adequação dos objectivos estabelecidos
- Nível de adequação às necessidades formativas
- Pertinência da informação teórica
- Organização e dinamização
- Adequação dos espaços

2. Pelo formador:

Elaboração de um relatório crítico com especial incidência:

- Na análise das actividades desenvolvidas
 - Na participação e grau de empenhamento dos formandos
- Elaboração de uma pauta de avaliação dos formandos, na escala de 1 a 10, com:
- Aplicação dos critérios de avaliação constantes do regulamento da modalidade de formação
 - Aplicação dos critérios de avaliação descritos
 - Proposta de atribuição de créditos, de acordo com a modalidade de formação
 - Proposta de atribuição das menções “EXCELENTE”, “MUITO BOM”, “BOM”, “REGULAR” e “INSUFICIENTE” de acordo com a legislação

3. Pela entidade formadora:

Elaboração de um relatório analítico com base nos instrumentos avaliativos disponíveis.

Bibliografia fundamental

- BRESSON, Robert (2000), Notas sobre o cinematógrafo, Porto: Porto Editora.
- CARROLL, Noël (2003), Engaging The Moving Image, New Haven: Yale University Press.
- CAVELL, Stanley (1979), The World Viewed, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- CERF, Juliette (2009), Cinéma et Philosophie, Paris: Cahiers du Cinéma et Scérén-Cndp.
- CLÉMOT, Hugo (2014), La philosophie d'après le cinéma: Une lecture de La Projection du Monde de Stanley Cavell, Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- CLÉMOT, Hugo, dir. (2015), Enseigner la philosophie avec le cinéma, Ed. Les Contemporains favoris.
- DEKENS, Olivier (2013), La philosophie sur grand écran - Manuel de cinéphilosophie, Paris: Ellipses Marketing.
- DELEUZE, Gilles (1992), O que é a filosofia?, Lisboa: Editorial Presença.
- DELEUZE, Gilles (2004), A imagem-movimento – Estudos sobre o cinema 1, Lisboa: Assírio & Alvim.
- DELEUZE, Gilles (2006), A imagem-tempo – Estudos sobre o cinema 2, Lisboa: Assírio & Alvim.
- ECO, Umberto (1994), Os limites da interpretação, Lisboa: Difel.

GISPERT, Esther (2009), Cine, Ficción y Educación, Barcelona: Laertes Ediciones.
FALZON, Falzon (2002), Philosophy goes to the movies, New York: Routledge.
INNERARITY, Daniel (1996), A filosofia como uma das belas artes, Lisboa: Teorema.
LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean (2010), O Ecrã Global: Cultura Mediática e Cinema na Era Hipermoderna, Lisboa: Edições 70.
LIVINGSTON, Paisley & PLANTINGA, Carl (2008), Routledge Companion to the Philosophy of Film, ed., London: Routledge.
LIVINGSTON, Paisley (2009), Cinema, Philosophy, Bergman: On Film as Philosophy, Oxford: Oxford University Press.
MORIN, Edgar (1997), O cinema ou o homem imaginário., Lisboa: Relógio D'Água.
MULHALL, Stephen (2002), On Film, London: Routledge.
NIETZSCHE, F. (1999), A Origem da Tragédia, Lisboa: Guimarães Editores.
POURRIOL, Olivier (2011), Cinéphilos, Paris: Fayard/Pluriel.
RANCIÈRE, Jacques (2010), O Espectador Emancipado, Lisboa: Orfeu Negro.
(2012), Os Intervalos do Cinema, Lisboa: Orfeu Negro.
(2012), A Fábula Cinematográfica, Lisboa: Orfeu Negro.
RIVERA, Juan Antonio (2006), O que Sócrates diria a Woody Allen: Cinema e Filosofia, Coimbra: Edições Tenacitas.
SINGER, Peter (2005), The Moral of the Story: An Anthology of Ethics Through Literature (co-edited with Renata Singer), Oxford: Blackwell.
SMITH, Murray and WARTENBERG, Thomas E., ed. (2006), Thinking Through Cinema: Film as Philosophy, Cambridge: Blackwell.
SONTAG, Susan (2004), Contra a Interpretação e outros ensaios, Lisboa: Gótica.
STEINER, George (2002), Gramáticas da Criação, Lisboa: Relógio D'Água.
STEINER, George (2007), O Silêncio dos Livros, Lisboa: Gradiva.
WARTENBERG, Thomas E. (2007), Thinking on Screen: Film as Philosophy, London and New York: Routledge.

Processo

Data de recepção 21-10-2016 **Nº processo** 95487 **Registo de acreditação** CCPFC/ACC-88961/16

Data do despacho 30-11-2016 **Nº ofício** 7223 **Data de validade** 30-11-2019

Estado do Processo C/ Despacho - Acreditado